

Autor-IA: o uso de Inteligência Artificial generativa no universo editorial¹

Márcio Souza GONÇALVES²

Ana Carla Ferreira Longo MORAES³

Camile Carvalho NASCIMENTO⁴

João Carlos Azevedo de SOUZA⁵

Marcele Sales Alves GOMES⁶

Taynée Mendes VIEIRA⁷

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este artigo tem como objetivo abordar o uso dos softwares de Inteligência Artificial (IA) Generativa na produção editorial de livros, tensionando aspectos tecnológicos, históricos e questões relacionadas à autoria. Este tipo de IA permite criar conteúdos, incluindo textos e imagens, tentando simular a inteligência humana com base em uma grande quantidade de dados (*big data*). É feito um percurso teórico sobre a relação entre livros e tecnologias, passando pelo suporte e pela técnica da escrita, o que confere aos livros um status de objetos tecnológicos. Segue-se uma breve discussão da IA e de sua relação com o campo dos livros, onde se observa atualmente que, no mercado editorial, as ferramentas como ChatGPT e o MidJourney têm sido utilizadas na produção de textos e capas de livros com grande repercussão. São então discutidos alguns casos específicos.

PALAVRAS-CHAVE: inteligência artificial; livros; mercado editorial; tecnologia; algoritmos.

Introdução

Livros são objetos tecnológicos que incluem também outras tecnologias em sua produção, circulação e consumo. Observamos que a escrita é uma tecnologia recente ao considerarmos a cronologia do desenvolvimento da humanidade, tecnologia que, além da demanda de seu aprendizado, também envolve aparelhos especiais como suporte,

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor da Faculdade de Comunicação Social da UERJ, Bolsista Prociência UERJ/FAPERJ e coordenador do Laboratório de Investigação de História da Comunicação da FCS/UERJ, e-mail: msg@uerj.br.

³ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ, Bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e participante do Laboratório de Investigação de História da Comunicação da FCS/UERJ, e-mail: carlaanasc3292@gmail.com.

⁴ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ e participante do Laboratório de Investigação de História da Comunicação da FCS/UERJ, e-mail: camilejornalista@gmail.com.

⁵ Graduando em Direito da UERJ e participante do Laboratório de Investigação de História da Comunicação da FCS/UERJ, e-mail: jc17f98@gmail.com.

⁶ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ e participante do Laboratório de Investigação de História da Comunicação da FCS/UERJ, e-mail: marcelesagomes@gmail.com.

⁷ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ e participante do Laboratório de Investigação de História da Comunicação da FCS/UERJ, e-mail: taynee.mendes@gmail.com.

objeto de inscrição, eventualmente tinta, entre outros. É importante lembrar que seres humanos pré-históricos produziram artefatos tecnológicos impressionantes como as cavernas de *Lascaux* e *Chauvet*, situadas no Sul na França, a última com as pinturas rupestres mais antigas conhecidas até hoje, e que prescindiram, durante a maior parte da sua existência, da tecnologia da escrita (McKenzie, 1999; Chartier, 1999; Cavallo; Chartier, 1998).

Além da escrita, os suportes sobre os quais se escreve também são objetos tecnológicos que envolvem alguma forma de produção e intervenção humana, para que possam ser eficazes na apresentação de letras. Todos os aspectos envolvidos na escrita e na edição, como o tipo de escrita (ideográfica, silabária, alfabética etc.), sistemas de pontuação, diagramação e paginação, são um conjunto de diferentes tecnologias desenvolvidas nos últimos milênios.

Desde os tabletes e das cunhas para escrita (cuneiforme) até os atuais leitores de livros eletrônicos, um longo e complexo caminho foi percorrido, podendo ser pensado como uma sucessão de tecnologias diversas que se sucederam no tempo e no espaço. Por ser um processo não-linear, envolve rupturas, coexistências e atualização de elementos anteriores.

Sendo assim, o primeiro ponto importante é que livros são objetos tecnológicos. Sua produção sempre dependeu de alguém que criasse o texto e/ou, de alguma forma, o registrasse. Um exemplo a ser lembrado é o da compilação da *Iliada* em um suporte material, sendo este processo não a composição em si, mas apenas o registro da tradição oral já existente. Por outro lado, *Joyce*, em *Ulisses*, de algum modo cria um texto e o registra, sendo posteriormente impresso. Nota-se, portanto, que desde sempre houve a intervenção humana nos processos de criação e compilação dos textos, sejam eles manuscritos ou impressos.

Atualmente, sobretudo com a melhora e popularização da Inteligência Artificial (doravante IA), há novas formas de intervenção humana na geração dos textos. Temos então textos, bem como imagens, gerados ou “escritos” por programas de Inteligência Artificial. Seriam estes textos completamente “não humanos”? Pode-se observar que não.

Para o que nos interessa, é preciso considerar três aspectos: em primeiro lugar, os algoritmos de Inteligência Artificial são feitos por seres humanos, de modo que na

base da IA e, portanto, desse tipo de escrita, há o traço humano. Em segundo lugar, um texto é, em geral, produzido a partir de instruções – chamados comandos ou “*prompts*” – dadas por um usuário. Temos como exemplo: “*escreva um texto sobre IA e literatura*”, o que novamente coloca as pessoas em cena. Em terceiro lugar, os textos gerados por IA dependem de bancos de dados textuais produzidos previamente também por seres humanos.

Um texto gerado por IA, portanto, é um texto híbrido. Uma observação importante é que todo algoritmo envolve alguma forma de seleção, de modo que nos textos gerados pela Inteligência Artificial, sempre haverá um viés.

Considerações gerais (e um breve histórico) sobre Inteligência Artificial

Primeiramente, o que se denomina Inteligência Artificial, IA, não pode ser pensado por uma única técnica ou ciência. Trata-se, antes, de um metacampo que engloba conhecimentos multidisciplinares de várias áreas científicas (Gomes, 2024). Primeiro, a Ciência da Computação, por óbvio, pois fornece as bases matemáticas e teóricas para os modelos e técnicas computacionais e para o desenvolvimento de algoritmos — este último é uma sequência de instruções bem definidas com o intuito de resolver um problema computacional ou executar uma tarefa de rede. Ademais, envolve também a área de Aprendizagem de Máquina e Estatística, que dão as ferramentas possíveis para que os algoritmos aprendam e se desenvolvam a partir de uma base de dados, mapeando o comportamento do usuário, resultando na otimização, ou seja, na melhora dos resultados oferecidos pela plataforma de IA (Inteligência Artificial, 2024). Também é englobado nesse campo multidisciplinar a Linguística Computacional, tecnologia que permite aos computadores interpretar, manipular e entender a linguagem humana, por meio de grandes volumes de bancos de dados, tanto de voz quanto de texto, gerando principalmente uma espécie de tradução — do banco de dados para a criação de textos e respostas na linguagem humana. Todo esse conjunto de conhecimento faz com que a IA possua e adquira capacidade de raciocínio lógico, um impressionante alto grau de aprendizagem e um elevado reconhecimento de padrões (Inteligência Artificial, 2024).

Até hoje, diversas são as definições criadas para o que seria a Inteligência Artificial, como “o novo e interessante esforço para fazer os computadores pensarem...

máquinas com mentes, no sentido total e literal” (Haugeland, 1985); ou a de sistemas computacionais que trabalham simulando a inteligência humana, isto é, “a arte de criar máquinas que executam funções que exigem inteligência quando executadas por pessoas” (Kurzweil, 1990).

Historicamente, a humanidade já sonhava com uma ferramenta que pudesse fazer ou trabalhar tudo ou quase tudo por ela. Aristóteles já questionava uma forma de substituir a mão de obra escrava, comum na época, por ferramentas autônomas que pudessem fazer o que os seres humanos faziam, ou até com mais eficiência (Prado, 2024). Na literatura do século XIX, o personagem do “Monstro”, a criatura inventada pelo médico Frankenstein, no livro de Mary Shelley, demonstra como a criação de um ser artificial com capacidades humanas sempre foi um objeto de fascínio para o homem. Já no século XX, diversos cientistas da computação começaram a desenhar e idealizar a construção de máquinas inteligentes, entre eles, o pai da computação, Alan Turing, com seu artigo chamado “*Computing Machinery and Intelligence*” (Turing, 1950).

Mas foi no final dos anos 1970, com a criação e a popularização dos computadores pessoais, que softwares foram usados para simular a inteligência e a memória humana, por meio do Aprendizado de Máquina, uma das ferramentas principais para a produção da IA. Podem ser pensados como seus precursores, por exemplo: o GPS (em inglês, *Global Positioning System*), que calcula e direciona caminhos personalizados a partir do banco de dados mundial de estradas e ruas; o xadrez por computador, quando o usuário joga com o computador, sendo a máquina capaz de calcular até 200 milhões de posições por segundo (veja-se a derrota, no final dos anos 90, do então melhor jogador do mundo, Garry Kasparov) (Deep Blue, 2024); as publicidades online direcionadas, formuladas a partir das experiências e rastros na internet que o internauta deixa; e a detecção de fraudes de cartão, em que a operadora calcula a partir de hábitos do usuário o que seria uma atividade atípica ou suspeita para ele (Aprendizado de Máquina, 2024).

Foi nos anos 2010 e começo dos anos 2020 que houve a ascensão da Inteligência Artificial a nível de repercussão popular. A chamada Inteligência Artificial Generativa, conhecida como o aprendizado de um software ou máquina com base em uma grande quantidade de dados (*big data*), tendo o intuito de gerar resultados com complexidade e verossimilhança, é o que mais tem causado impacto e se destacado atualmente. A

popularização do ChatGPT, que oferece respostas para perguntas e a simulação de linguagem humana tão verossímil quanto a capacidade humana, tem se tornado uma revolução nas ferramentas de busca pela internet e na realização de trabalhos por texto. Já o MidJourney, que gera uma imagem artificial, com traços de notável criatividade e imitação da realidade a partir de qualquer texto ou comando (EBA Online, 2024), também tem revolucionado o campo das artes visuais e da própria simulação da realidade. Como exemplo, a repercussão de uma foto do papa Francisco com um casaco extravagante nas redes sociais, mas que se revelou ser uma imagem produzida por Inteligência Artificial, provocou grande reflexão sobre a capacidade de simulação da realidade desses softwares.

A OpenAI, desenvolvedora do ChatGPT e criada em 2015 com capital de cerca de um bilhão de dólares por investidores, como o megaempresário Elon Musk, recentemente recebeu outro investimento, de mais de 10 bilhões de dólares, da Microsoft, (OpenAI, 2024). Isso mostra a capacidade econômica e de inovação que este tipo de ferramenta possui e pode reservar para o futuro próximo.

Articulação entre livros e IA

A partir do entendimento de que livros são objetos tecnológicos, para fins deste artigo podemos organizar os impactos da tecnologia em dois aspectos: *texts* (textos) e *books* (livros), para usar uma definição útil dada por Price (2013). Segundo a autora, o texto seria o elemento abstrato composto por um ou mais autores, é a sequência de vocábulos ordenados de forma linear. Já o livro seria o objeto material que permite a encarnação do texto, é onde as palavras do autor se materializam, é o que permite o acesso ao texto, é uma “coisa física” (Price, 2012, p. 4).

Textos são conteúdos abstratos que se materializam através tecnologias que envolvem a invenção da escrita, o alfabeto fonético, técnicas gráficas que auxiliam na compreensão do sentido de um texto – letras maiúsculas e minúsculas, pontuação, separação de palavras, etc. –, máquinas que agilizaram o processo de escrita – máquinas de escrever, teclados de computadores, e recentes ferramentas digitais que ajudam a transcrever áudios, transformando-os em textos, e algumas delas com técnicas aperfeiçoadas pela IA –, entre outras. Envolvem igualmente os suportes e seus formatos, tais como o de rolos de papiro, códex impressos, livros digitais (*e-books*) e suas

diferentes telas (computador, *iPads*, leitor eletrônico, celulares, etc). Para fins deste artigo, consideraremos que o impacto da IA recai – pelo menos neste primeiro momento – sobre o primeiro aspecto (*texts*) e, a fim de historicizar seu impacto, veremos alguns casos de inovações tecnológicas sobre a produção de textos. Além disso, será abordada a produção de imagens que, em livros, de algum modo ilustram textos.

Cavallo e Chartier (1998) amarram o surgimento da escrita alfabética na Grécia a uma alfabetização mais rápida e à necessidade de ler inscrições oficiais ou privadas para o funcionamento da democracia ateniense a partir de sua instituição (508-507 a.C.). Dessa forma, “a escrita foi ‘inventada’ para fixar os textos e trazê-los assim novamente à memória, na prática, para conservá-los” (Cavallo; Chartier, 1998, p. 10). Também se colocou a questão da autoria nesse contexto – uma vez que, em textos oralizados, era mais difícil saber seu autor ou mesmo não era uma questão importante – e uma das técnicas inventadas foi o uso do *sphregis*, uma espécie de “selo” do autor, destinado a garantir a autenticidade de um texto diante da necessidade de conservar este texto escrito (apesar de não excluir formas de leitura pública e em voz alta, feitas talvez pelo próprio autor) (Cavallo; Chartier, 1998, p. 10). A técnica foi como resposta a uma demanda da sociedade grega que precisava de textos escritos.

Outra inovação do escrito, a título de exemplo, foi a passagem de uma escrita contínua para uma escrita com separação entre palavras. No final do século V a.C., não havia a separação entre palavras, ou seja, os textos eram apresentados em *scriptio continua*, que seria “ininteligível e inerte sem a enunciação da voz” (Cavallo; Chartier, 1998, p. 11). No entanto, os autores também registram, referindo-se ao trabalho de Bernard Knox (1968), que há relatos numa época muito antiga de uma leitura silenciosa. Há um debate entre classicistas e historiadores sobre se a tecnologia de separação de palavras de fato propiciou a leitura silenciosa, tema tratado alhures (Gonçalves; Vieira, 2020). No entanto, é interessante perceber que grandes mudanças tecnológicas são multifatoriais e que não se pode sobrevalorizar a tecnologia, por exemplo, em detrimento de outros fatores (determinismo tecnológico) e é dentro dessa perspectiva que buscamos contextualizar a tecnologia da IA e seu uso editorial.

Observamos em casos recentes o uso da Inteligência Artificial em diferentes etapas da criação de livros, desde escritas completas, design de capa e até mesmo sua tradução. Alguns casos foram abordados em matérias datadas em 2023 e 2024,

apontando que existe um debate atual sobre o assunto. Antes de aprofundar cada caso, vale ressaltar que há perspectivas tanto positivas quanto negativas em relação ao uso de IA no mercado literário.

Em uma publicação no blog *Clube de Autores* (2024), é dito que o uso da IA é visto como um potencial criativo para autores independentes, propondo que a ferramenta pudesse auxiliar tanto na geração de conteúdo, edição e revisão, quanto no design de capa e marketing. Por outro lado, há uma preocupação dos autores e do mercado editorial em relação ao uso de IA. O principal refreamento é referente à propriedade intelectual, bem como o questionamento se a ferramenta poderia escrever um livro tão bem quanto uma pessoa. Além disso, há preocupações com a criatividade que o autor dedica ao criar uma boa história que, neste caso, uma máquina estaria fazendo em seu lugar (Folha PE, 2024). Essas duas versões iniciam o debate se a IA pode substituir um autor, um designer ou um tradutor na criação de um livro, de forma que não cause impacto na indústria. Um fato importante a se observar é que, apesar de já ser utilizada a IA na escrita de livros, ela ainda não foi regulamentada.

A *PublishNews*, veículo de relevância no mercado editorial brasileiro, consultou algumas editoras, agentes literárias e tradutoras que relataram que o seu uso causa uma instabilidade de confiança entre as partes envolvidas na criação de um livro. Essa realidade vem fomentando debates e opiniões sobre as implicações do uso dessas ferramentas, uma vez que não há ainda uma compreensão exata sobre os direitos autorais, já que algumas ferramentas utilizam conteúdo sem permissão (Sardinha, 2024). Também há a questão da privacidade dos dados imputados nos *softwares*, já que tal conteúdo pode ser usado em outros modelos de linguagem e disponibilizado a qualquer usuário, pois não há garantia de sigilo por parte das empresas privadas que oferecem o serviço de IA (Maluf, 2024). Ademais, até junho de 2024, ainda estava em tramitação no Senado o projeto de lei de regulamentação da IA no Brasil (Brasil, 2024).

Segundo Parkes (apud Cavallo; Chartier, 1998, p. 116), “algumas gerações produzem leitores com novas necessidades e novas exigências, as quais estimulam a invenção de novas técnicas”. Nesse sentido, que tipo de necessidades a utilização da IA no mercado editorial procura atender? Seria a necessidade de obter criações de textos e imagens de forma acelerada e barata, sem pagar um profissional especializado para isso? A própria lógica de monetização de conteúdo da internet requer uma acelerada

automatização desse processo. Veremos adiante casos específicos que levantam questões complexas sobre o uso dessa nova tecnologia.

Apresentação geral de casos específicos

Um dos casos que mais circulou na internet, em 2023, foi o da escritora Jane Friedman (2024), que expôs em seu blog que estava lendo algumas avaliações no site *Goodreads*⁸ ao descobrir que seis livros gerados por IA associados à sua autoria estavam à venda no site da Amazon. A autora só descobriu esse fato quando usou a ferramenta ChatGPT para gerar algumas ideias e estes livros apareceram nas respostas que ela gerou.

Figura 1 - O caso Jane Friedman



Legenda: Livro gerado por IA e atribuído à autora Jane Friedman publicado na Amazon. A imagem mostra o perfil do livro no site *Goodreads*. Hoje, ambos já foram removidos. Fonte: Blog da autora.

A queixa da autora não é exclusiva. Uma reportagem do *The Guardian* (2023) conta que autores, como Margaret Atwood, Viet Thanh Nguyen e Philip Pullman assinaram uma carta aberta direcionada às companhias de Inteligência Artificial, pedindo que parem de utilizar o trabalho de escritores sem consentimento ou sem dar os devidos créditos. A carta foi elaborada pela maior organização de autores da América, a *Authors Guild*. Além disso, autores como George R. R. Martin, Jodi Picoult e John Grisham, junto com a *Authors Guild*, ingressaram em uma ação coletiva contra a

⁸ Maior site para leitores e recomendações de livros no mundo, lançado em 2007, e comprado pela Amazon em 2013. Disponível em: <https://www.goodreads.com/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

OpenAI, a empresa por trás do ChatGTP. A principal acusação faz referência aos direitos autorais nas obras de ficção, geradas por essa ferramenta. Os autores defendem a escrita utilizando a própria criatividade e não em uma reciclagem de ideias (PublishNews, 2024b).

De forma preventiva ao impacto que autores e editoras podem sofrer com a publicação de obras com o uso de IA, a *Kindle Direct Publishing* (KDP), plataforma de autopublicação da Amazon, limitou o número de publicação por autores independentes a três obras por dia. Além disso, para garantir mais transparência, a empresa tornou obrigatório informar se uma obra foi escrita com IA, obrigando que autores sigam diretrizes de conteúdo, como não utilizar materiais protegidos por direitos autorais (De Martini, 2024).

Por outro lado, a escritora japonesa Rie Kudan, vencedora do prêmio literário de maior prestígio do Japão, o Prêmio Akutagawa, abordou publicamente que 5% do seu livro “*The Tokyo Tower of Sympathy*” foi escrito por Inteligência Artificial, mais especificamente, o ChatGTP. Uma matéria no *New York Post* aponta que, em sua declaração, a autora expressou que a IA é uma forma de ajudá-la a escrever, ao mesmo tempo que consegue manter a sua criatividade para criar a história. Além disso, afirmou que continuará utilizando este recurso em seus romances (Keane, 2024).

Neste caso, Rie Kudan acredita que a IA pode ser uma aliada no processo de escrita. Para a autora, o uso da ferramenta não representa uma exclusão do processo criativo ao escrever uma nova história. A temática do livro gira em torno de uma arquiteta que está construindo um centro de reabilitação para criminosos e um jovem autor que está escrevendo a sua biografia.

Figura 2 - Livro “*The Tokyo Tower of Sympathy*”

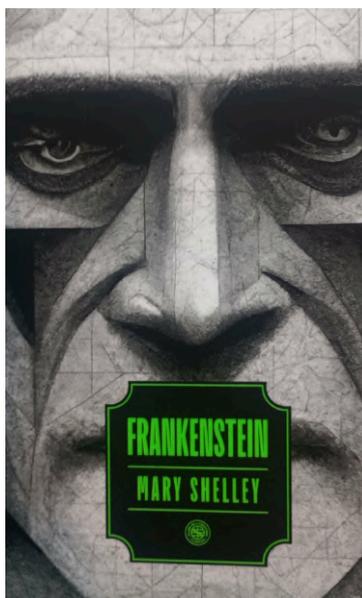
Legenda: Capa do livro da autora Rie Kudan que venceu o Prêmio Akutagawa. Fonte: Amazon.



Outro caso, de âmbito nacional, envolveu a desclassificação de uma obra da 65ª edição do Prêmio Jabuti, em 2023. O livro “*Frankenstein*”, editado pelo Clube de Literatura Clássica, havia utilizado IA para a confecção da capa. Anunciado como semifinalista da categoria Ilustração, o caso gerou repercussão nas redes sociais com o compartilhamento da *hashtag* #IANãoéAutor, bem como autores, ilustradores e profissionais do livro escreveram uma carta aberta à Câmara Brasileira do Livro (CBL) em desacordo com o uso dessas ferramentas (PublishNews, 2024c).

Após a repercussão, a CBL emitiu uma nota desclassificando a obra, alegando que ainda que conste no livro a coautoria de um robô, a avaliação de obras que utilizam IA não estavam contempladas nas regras da premiação e que “a utilização dessas novas ferramentas será objeto de discussão para as próximas edições” (PublishNews, 2024a).

Figura 3 - Capa de “*Frankenstein*”



Legenda: Capa de “*Frankenstein*” do Clube de Literatura Clássica, obra desclassificada do Prêmio Jabuti 2023 por uso de IA em Ilustração. Fonte: PublishNews.

No mesmo ano, leitores identificaram o uso de IA nas ilustrações de uma nova edição de “*Alice no País das Maravilhas*” pela editora Novo Século. Após cobrarem um posicionamento da editora, a Novo Século admitiu o uso de IA. Esse caso enfatiza, mais uma vez, a questão dos direitos autorais, já que tais programas utilizam “a combinação de trabalhos de diferentes artistas para produzir imagens” (Época Negócios, 2023).

Em publicação na rede social *Instagram*, a editora alegou que, assim como a personagem Alice ousou ser disruptiva e curiosa, arriscando-se em direção ao novo, a editora buscou se abrir ao uso da Inteligência Artificial, lançando mão de aspectos como a renovação da arte: “Ao ‘olharmos pela fechadura’, assim como Alice, nos tornamos curiosos pelo mundo da Inteligência Artificial e o que ele pode contribuir não só para todo o nosso processo criativo, mas também para o mundo da arte como um todo” (Novo Século Editora, 2023).

Mesmo após o posicionamento da editora, as cobranças e críticas continuaram. A mesma publicação, por exemplo, recebeu comentários, como: “Que vergonha ein”, “Que desculpa pra desvalorizar trabalho alheio”, “IA não faz arte”, “Falou o Chat GPT”. Contudo, há usuários apresentando outras perspectivas: “Não vejo problema algum. É um recurso e a editora não possui obrigação alguma de contratar ilustradores [...] TODA empresa vai fazer o que é economicamente mais viável”.

Figura 4 - “Alice no País das Maravilhas” pela editora Novo Século



Legenda: Edição da obra de Lewis Carroll que fez uso de IA na geração de ilustrações. O livro é vendido como edição de luxo, com cards, marcador e pôster ilustrados. Fonte: Site da editora.

Apesar das controvérsias, da falta de legislação e do debate ainda recorrente, há movimentos em torno da adesão dessa tecnologia no mercado editorial. Na 27ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que ocorreu em 2024, foi realizada a oficina

“Aprendendo a usar o Chat GPT nas suas criações” (Faculdade LabPub, 2024), oferecida pelo LabPub, uma instituição de ensino reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC), que oferece cursos livres e de pós-graduação na modalidade EAD ao vivo, voltados para o mercado editorial. A instituição oferece, inclusive, uma pós-graduação em “Produção Editorial com Inteligência Artificial”⁹.

Considerando a utilização da Inteligência Artificial no recurso de tradução, ainda há debates e controvérsias. Por um lado, a IA está auxiliando na tradução de alguns livros, como é o caso da Bíblia que está sendo traduzida para línguas raras. O projeto chamado *Greek Room* foi criado por cristãos da Universidade do Sul da Califórnia e a intenção é traduzir o livro para idiomas que ainda não foram contemplados e são considerados raros. No entanto, esse projeto ainda está em sua fase inicial, explorado colaborativamente com agências de tradução mundiais (BBC, 2023).

Apesar da IA estar sendo utilizada para ajudar no trabalho de tradução, não é possível utilizá-la sem humanos. Esse ideal também é reforçado pelo fato desse processo não ser regulamentado, sendo uma das maiores preocupações com relação aos direitos autorais. Outro ponto do uso da IA na tradução é o questionamento da ferramenta ser capaz de traduzir para outro idioma, de forma correta, exatamente o que o autor quis expressar, uma vez que diferentes perspectivas da história, como narradores, perfis, diferentes diálogos e vocabulários podem se perder na tradução. A presença de um tradutor trabalhando nas obras é importante, pois eles conseguem ler a história, compreender e repassar para outro idioma seus detalhes e, em alguns casos, utilizar notas do tradutor para esclarecer pontos delicados (Sardinha, 2024).

Conclusão

Partindo da premissa de que os livros, sejam eles manuscritos, impressos ou digitais, são objetos tecnológicos e que, de alguma forma, sempre se relacionaram com a tecnologia (ou ainda, dependem dela para existir), o uso da Inteligência Artificial (IA) Generativa pode ser entendida como mais uma inovação dentro do processo editorial, comportando em si continuidades e rupturas. Assim como a ideia de autor e de autoria foram construídas historicamente, com a chegada da IA no mercado editorial podemos

⁹ Disponível em:

<https://www.labpub.com.br/pos-graduacao-em-producao-editorial-com-inteligencia-artificial/>. Acesso em: 23 set. 2024.

estar diante das reformulações de alguns desses conceitos. Assim, é importante observar que há muito a ser investigado na relação entre livros e as novas ferramentas de Inteligência Artificial.

Se, por um lado, as ferramentas de IA podem ser vistas como potencial criador e colaborador das práticas de produção de livros, por outro, ainda geram dilemas éticos, tendo em vista a legitimidade dessas produções. Por não ser regulamentado no Brasil, o uso de Inteligência Artificial é uma temática ainda em discussão, pois não há bases sólidas sobre como (e se) esta deve ser utilizada no mercado editorial. Contudo, conforme os casos recentes apresentados neste artigo, esta já é uma realidade em prática, em movimento e em transformação, passível de novos estudos e aprofundamento.

REFERÊNCIAS

APRENDIZADO DE MÁQUINA. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Aprendizado_de_m%C3%A1quina. Acesso em: 26 jun. 2024.

AI, Semantix. **Algoritmo: o que é e quais as aplicações?** Disponível em:

<https://semantix.ai/algoritmo-o-que-e-e-quais-as-aplicacoes/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20um%20algoritmo,produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20valores%20de%20sa%C3%ADda>. Acesso em: 29 set. 2024.

AWS. **O que é processamento de linguagem natural (PLN)?** Disponível em:

<https://aws.amazon.com/pt/what-is/nlp/#:~:text=tarefas%20de%20PLN?-O%20que%20%C3%A9%20PLN?tempo%20real%20%C3%A0%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20humana>. Acesso em: 26 set. 2024.

BBC. **O programa de IA que está ajudando a traduzir a Bíblia para línguas raras.** Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/ckdz1jyjlyno#:~:text=Eles%20consideram%20que%20o%20Greek,%20a%20maioria%20delas%20asi%C3%AIticas>. Acesso em: 20 set. 2024.

BRASIL. Senado Federal. **Projeto de Lei nº 123/2024.** Disponível em:

<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/157233>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BRASIL, Neil Patel. **O que é algoritmo e como ele é utilizado na internet?** Disponível em:

<https://olhardigital.com.br/2022/07/05/internet-e-redes-sociais/o-que-e-algoritmo/#:~:text=Primeiro%20algoritmo%20criado,problemas%20que%20ainda%20nem%20imaginamos>. Acesso em: 29 set. 2024.

CAVALLO, Guglielmo. CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental.** Vol.1. São Paulo: Ed. Ática, 1998.

CHARTIER, Roger; **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Brasília: Editora Unb, 1999.

CLUBE DE AUTORES. **Inteligência artificial para autores: como a tecnologia está revolucionando a escrita criativa.** Disponível em:

<https://blog.clubedeautores.com.br/2024/03/inteligencia-artificial-para-autores-como-a-tecnologia-esta-revolucionando-a-escrita-criativa.html>. Acesso em: 23 jun. 2024.

CLOUD, Google. **O que é o processamento de linguagem natural?** Disponível em:
<https://cloud.google.com/learn/what-is-natural-language-processing?hl=pt-BR> . Acesso em: 26 set. 2024.

DE MARTINI, Felipe. Amazon muda regras e limita publicação de livros escritos por IA. **CanalTech**. Disponível em:
<https://canaltech.com.br/amp/livros/amazon-muda-regras-e-limita-publicacao-de-livros-escritos-por-ia-264135/>. Acesso em: 24 jun. 2024

DEEP BLUE. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Deep_Blue. Acesso em: 30 set. 2024.

EBA ONLINE. **Geradores de Imagens com IA e SEO**. Disponível em:
<https://ebaonline.com.br/blog/geradores-de-imagens-com-ia-seo>. Acesso em: 26 jun. 2024.

ÉPOCA NEGÓCIOS. **Livro gera polêmica ao usar IA em ilustrações**. Disponível em:
<https://epocanegocios.globo.com/google/amp/tecnologia/noticia/2023/08/livro-gera-polemica-ao-usar-ia-e-m-ilustracoes.ghtml>. Acesso em: 24 jun. 2024.

FACULDADE LABPUB. “Participe da oficina ‘Aprendendo a usar o ChatGPT nas suas criações’”. São Paulo, 02 set. 2024. Instagram: @labpub_ead. Disponível em:
https://www.instagram.com/p/C_bJ8vWtFTm/. Acesso em: 23 set. 2024.

FRIEDMAN, Jane. **I Would Rather See My Books Pirated**. Disponível em:
<https://janefriedman.com/i-would-rather-see-my-books-pirated/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

GONÇALVES, Márcio Souza; VIEIRA, Taynée Mendes. De volta para o futuro: tecnologias e agenciamentos entre livros e leituras. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 265-280, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/9462/7232>. Acesso em: 15 set. 2024.

GOMES, Dennis do Santos. Inteligência Artificial: Conceitos e Aplicações (PDF). **Revista Olhar Científico**. V. 01, n.2, Ago./Dez. 2010. Disponível em:
https://www.professores.uff.br/screspo/wp-content/uploads/sites/127/2017/09/ia_intro.pdf . Acesso em 26/06/2024.

HAUGELAND, John. Artificial Intelligence: The Very Idea. Massachusetts: The MIT Press, 1985.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Intelig%C3%Aancia_artificial. Acesso em: 26 jun. 2024.

FOLHA PE. **Inteligência artificial abala mercado editorial**. Disponível em:
<https://www.folhape.com.br/cultura/inteligencia-artificial-abala-mercado-editorial/297939/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

KEANE, Isabel. Prestigious literary prize awarded to novel written with help from AI. New York Post. Disponível em:
<https://nypost.com/2024/01/18/news/rie-kudan-used-ai-to-help-write-the-tokyo-tower-of-sympathy/>. Acesso em: 28 set. 2024.

KNIGHT, Lucy. Authors call for AI companies to stop using their work without consent. **The Guardian**. Disponível em:
<https://www.theguardian.com/books/2023/jul/20/authors-call-for-ai-companies-to-stop-using-their-work-without-consent>. Acesso em: 23 set. 2024.

KURZWEIL, Ray. **The Age of Spiritual Machines**. Massachusetts: The MIT Press, 1990.

LOPES, Renata. **Algoritmo: o que é e como funciona na prática?** Disponível em:
<https://hub.asimov.academy/blog/o-que-sao-algoritmos/> . Acesso em: 29 set. 2024.

OPENAI. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/OpenAI>. Acesso em: 26 jun. 2024.

MALUF, Gabriela. “Os riscos da inserção de dados empresariais sigilosos em chat GPT”. Disponível em: <https://antissuborno.com.br/os-riscos-da-insercao-de-dados-empresariais-sigilosos-em-chat-gpt/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

McKENZIE, Donald Francis. **Bibliography and the Sociology of Texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

NOVO SÉCULO EDITORA. “Era muito mais agradável em casa”. São Paulo, 27 jul. 2023. Instagram: @novoseculoeditora. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CvNLUxJLMva/>. Acesso em: 23 set. 2024.

PRADO, Jean. “Inteligência Artificial: história e dilemas”. **Tecnoblog**. Disponível em: <https://tecnoblog.net/especiais/inteligencia-artificial-historia-dilemas/>. Acesso em: 26 jun. 2024.

PRICE, Leah. **How to Do Things with Books in Victorian Britain**. Princeton: Princeton University Press, 2012.

PUBLISHNEWS. **Artistas assinam carta aberta à CBL contra ilustração com IA semifinalista do Jabuti**. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/11/10/artistas-assinam-carta-aberta-a-cbl-contra-ilustracao-com-ia-semifinalista-do-jabuti>. Acesso em: 24 jun. 2024a.

PUBLISHNEWS. Em NY, autores se juntam e processam a OpenAI. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/09/26/em-ny-autores-se-juntam-e-processam-a-openai>. Acesso em 28 set. 2024b.

PUBLISHNEWS. **Obra com uso de inteligência artificial é desclassificada do Prêmio Jabuti**. Disponível em: https://www.publishnews.com.br/materias/2023/11/10/obra-com-uso-de-inteligencia-artificial-e-desclassificada-do-premio-jabuti?_gl=1*_1xnqyvb*_ga*MzMvNzU3NjU3LjE3MTc4NzAxMzU.*_ga_F9CDB3D5Y1*MTcxNzg3MDEzNS4xLjAuMTcxNzg3MDEzNS42MC4wLjA. Acesso em: 24 jun. 2024c.

ROCKCONTENT. Saiba como funciona um algoritmo e conheça os principais exemplos existentes no mercado. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/algoritmo/#:~:text=Um%20algoritmo%20%C3%A9%20uma%20sequ%C3%Aancia,matem%C3%AItico%20%C3%A1rabe%20do%20s%C3%A9culo%20IX>. Acesso em: 30 set. 2024.

SARDINHA, Beatriz. Uso de inteligência artificial para traduções no mercado editorial ainda não é regulamentado. **PublishNews**. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2024/03/21/uso-de-inteligencia-artificial-para-traducoes-no-mercado-editorial-ainda-nao-e-regulamentado>. Acesso em: 23 jun. 2024.

SAS. **Processamento de Linguagem Natural** Disponível em: https://www.sas.com/pt_br/insights/analytics/processamento-de-linguagem-natural.html. Acesso em: 26 set. 2024.

SILVA, Douglas. **Processamento de linguagem natural: entenda como funciona, importância e aplicação [Guia Completo]** Disponível em: <https://www.zendesk.com.br/blog/processamento-de-linguagem-natural/>. Acesso em: 29 set. 2024.

TURING, A. M. **Computing Machinery and Intelligence**. Disponível em: <https://academic.oup.com/mind/article/LIX/236/433/986238>. Acesso em: 26 jun. 2024.